

## Desenvolvimento infantil e uso de telas<sup>1</sup>

Patrícia Leekninh Paione Grinfeld<sup>2</sup>

As telas fazem parte do nosso dia a dia, da nossa cultura. Não temos como escapar delas. Elas estão presentes em todos os cantos. Dos caixas eletrônicos aos caixas do supermercado; do monitoramento dos bebês pela ultrassonografia ao monitoramento pelas babás eletrônicas e câmeras de segurança; das vitrines dos magazines aos bares e restaurantes; das salas de casa às salas de espera, de aula, de trabalho. Estamos reunidos aqui porque elas existem!

Se por um lado as telas possibilitam a realização de inúmeras e indispensáveis atividades, por outro, elas provocam mal-estar, seja pelo uso indiscriminado e excessivo que fazemos delas, seja porque elas modificaram as relações, nosso jeito de ser e estar no mundo. Vivemos sob a lógica da virtualização, mesmo quando não fazemos uso das telas.

Na lógica da virtualização pode-se tudo e imediatamente, sem pausa ou limite. A previsibilidade e o controle não deixam brecha para o desconhecido e o imprevisto. Busca-se o máximo de desempenho e o mínimo de perturbação. Daí a sensação de “não dar conta”, de exaustão e de que a vida anda meio sem graça, repetitiva demais.

Não é muito difícil perceber que estamos menos tolerantes à frustração, irrequietos diante do ócio, sem saber bem como lidar com as coisas que fogem do esperado. A lógica da virtualização opera no nosso fazer cotidiano. Podemos ampliar um pouco a visão de como somos tomados, sem notar, por essa lógica com mais alguns exemplos: nos distraímos na realização de tarefas de um jeito muito parecido com os momentos em que vamos checar uma mensagem e nos perdemos nas redes sociais; fazemos várias coisas ao mesmo tempo,

---

<sup>1</sup> Texto apresentado em 30/08/2022 no encontro *Desenvolvimento infantil e uso de telas* promovido pelo Sesc Catanduva e transmitido ao vivo em seu [canal do YouTube](#).

<sup>2</sup> Psicóloga (PUC-SP), especialista em estimulação precoce/clínica transdisciplinar do bebê (Instituto Travessias da Infância, Centro de Estudos Lygia Coriat-SP e UniFCV) e com pós-graduação em psicoterapia de casal e família (PUC-SP) e em psicanálise na perinatalidade e parentalidade (Instituto Gerar de Psicanálise). Foi sócia-fundadora e integrante da equipe do Instituto Therapon Adolescência. Da atuação na saúde mental, migrou para a área comercial, trabalhando com atendimento ao cliente e comércio eletrônico. Em 2004 a carreira ficou de lado para dedicar-se à família. No retorno às atividades profissionais, além da clínica, foi técnica do Programa Palavra de Bebê do Instituto Fazendo História. Em 2012 criou o blog Ninguém Cresce Sozinho que gradualmente se transformou na plataforma de cuidados em saúde mental na parentalidade e na primeira infância. Além da coordenação da Ninguém Cresce Sozinho, realiza on-line rodas de conversas, orientação a pais, atendimentos psicológicos, psicoterapia e supervisão clínica de orientação psicanalítica para profissionais da saúde e educação. Em seu consultório, na cidade de São João da Boa Vista/SP, atende bebês, crianças, adolescentes, adultos, casais e famílias.

tal como quando trabalhamos com múltiplas guias do computador abertas; se esquecemos de uma informação, no mesmo instante recorremos à internet ou banco de dados antes de tentar acessá-la na memória. Não desligamos nunca – no trabalho pensamos nas coisas de casa, em casa seguimos fazendo coisas do trabalho, num modo *on*, sempre ligado. Não à toa, nunca tivemos tanta queixa de problemas com o sono. Para dormir é preciso desligar da agitação do dia. Mas como desligar se estamos permanentemente conectados? Não podemos perder nada; temos que saber “tudo”. Recorremos às telas para nos informar, comunicar, entreter, distrair, resolver problemas, encontrar soluções, esquecer o dia difícil, nos ocupar, não nos sentir sozinhos. Não deixamos mais espaço para o vazio, tão necessário para a criação. E assim vamos nos isolando, mesmo estando juntos – basta observar os espaços em que cada um está no seu “quadrado”, ou melhor, com seu próprio “retângulo” nas mãos.

Esse modo de ser e estar no mundo atinge todos nós, de bebês a adultos. No entanto, o efeito da virtualização e do uso das telas sobre os bem pequenos apresenta riscos significativos ao desenvolvimento infantil.

A Sociedade Brasileira de Pediatria recomenda evitar a exposição de crianças menores de 2 anos às telas. Mas qual o motivo dessa restrição?

O cérebro humano e o psiquismo não nascem prontos. Para que o cérebro amadureça e o psiquismo se constitua, o bebê humano depende de outro humano com o qual possa compartilhar experiências.

Compartilhar experiências implica na disponibilidade do cuidador em se afetar pelo que afeta o bebê e em dar sentido ao que é experimentado pelo bebê. Vou recorrer a um exemplo bem banal. Quando o bebê chora, o cuidador supõe que ali existe um sujeito que deseja algo. Ele toma o choro como um apelo, uma forma de comunicação e convocação, e faz uso de seu saber para interpretar o que está – ou pode estar – acontecendo com o pequeno. O cuidador já experimentou em seu corpo o que é fome, frio, dor de barriga, irritabilidade, cansaço, entre outros, e o que é necessário fazer para eliminar essas sensações. Fazendo uso da própria experiência e do que conhece sobre o bebê, o cuidador diz algo como: “Acho que você está com fome! Já tem um tempinho que você mamou”. Por meio dessa pequena narrativa, ele se dirige ao bebê, marca sua presença e significa para o bebê o que se passa no seu corpinho, possibilitando ao bebê ficar mais tranquilo enquanto espera pelo alimento.

O compartilhamento de experiências não se restringe à transmissão do saber do cuidador ao bebê, saber este construído a partir de suas experiências prévias. Ao alimentá-lo, o cuidador também experimenta sensações. Ele se sente contente em ver o contentamento do bebê, se diverte com uma gracinha que ele faz, imita o que o bebê está fazendo, se angustia porque tem muitas tarefas a cumprir, e assim por diante. Há uma troca ativa daquilo que ambos experimentam no encontro. Quando tudo corre bem, cuidador e bebê desfrutam desse momento, o que faz com que o bebê queira mais – não somente o alimento para saciar a fome, mas a experiência afetiva que os enlaça. É esse encadeamento de ações que faz a alimentação (ou qualquer outra atividade) ser prazerosa. Também é o que permite, mais tarde, a criança reconhecer o que sente, se comunicar e esperar sem precisar chorar, se jogar no chão ou bater em alguém quando está com fome.

Vamos agora imaginar o mesmo choro do bebê e um cuidador pouco disponível. O bebê pode continuar chorando e isso o desorganiza muito (um pouco parecido com o que acontece com a gente quando em um atendimento virtual o robô não compreende nossa solicitação). No lugar de um acolhimento humanizado, o bebê pode ganhar uma chupeta ou mesmo uma tela para cessar o choro. Por alguns instantes ele até se aquieta, afinal, é possível esperar um pouquinho quando a fome dá sinal. O cuidador pode interpretar o choro do bebê como fome, traduzir para ele o motivo do seu choro e dar-lhe o peito ou a mamadeira, mas se ele não estiver “de corpo e alma” exercendo os cuidados com bebê (por exemplo, estiver fazendo outras coisas ao mesmo tempo ou com a cabeça longe), a experiência de ambos será solitária, sem trocas. Do lado do bebê isso é bastante complicado, já que a presença física do cuidador e/ou de palavras que não enlacem o bebê não são suficientes para fazer das tarefas de cuidado (alimentar, trocar, dar banho etc.) um cuidado subjetivante, ou seja, um cuidado que humaniza, que contribui para a constituição psíquica do bebê. Se a estruturação psíquica fica em risco pela ausência dessa disponibilidade, o desenvolvimento também fica.

O desenvolvimento infantil não é natural, resultante do simples transcorrer do tempo. O desenvolvimento infantil depende da qualidade das experiências – que no início da vida se dão nas relações de cuidado. Quanto mais diversas e complexas forem essas experiências, maiores serão as capacidades do bebê. Por isso é fundamental que as experiências desse período da vida envolvam todos os sentidos. O bebê precisa experimentar a melodia da voz humana, encontrar com os próprios olhos o olhar do cuidador, sentir o toque na sua pele, o gosto e a textura do que leva à boca, o cheiro de

quem o cuida, e assim por diante. São essas experiências compartilhadas e significadas os estímulos necessários para o bebê se desenvolver.

Os psicanalistas Elsa Coriat e Alfredo Jerusalinsky ([1996]2001)<sup>3</sup> definem que o desenvolvimento infantil se dá na articulação entre os aspectos estruturais constituintes do sujeito (aparelho biológico e psíquico) e os aspectos instrumentais, recursos que dão condições para realizar trocas com o meio: psicomotricidade, linguagem, aprendizagem, hábitos (sono, alimentação, higiene), brincar e sociabilização. Por isso, quando o corpo apresenta alguma limitação de base orgânica e/ou o cuidado não cumpre com a função subjetivante, os aspectos instrumentais ficam comprometidos, resultando em problemas do desenvolvimento infantil.

Os problemas do desenvolvimento infantil sempre existiram. Porém, a quantidade de crianças com problemas no desenvolvimento tem crescido significativamente e os sintomas se apresentado cada vez mais cedo. Entre os principais sintomas estão: perturbações no sono, desordens psicomotoras, dificuldades alimentares, na aquisição da linguagem, na aprendizagem e no convívio social, problemas com autorregulação (gerenciamento das emoções), aderências sensoriais, estereotípias, rituais e abulia (dificuldade ou impossibilidade de se posicionar).

Se a qualidade das experiências do bebê são a base para seu desenvolvimento, experiências empobrecidas de trocas trarão problemas para o desenvolvimento infantil. Aqui reside o grande perigo do uso de telas pelos bem pequenos.

O primeiro ponto a considerar no que tange ao uso de telas pelos bebês é quem as oferece. Diferente das crianças, adolescentes e adultos, os bebês não têm autonomia para acessá-las sozinhos (claro que quando eles começam a se deslocar poderão pegá-las, mas eles só farão isso se as telas estiverem ao alcance). O segundo ponto é para que as telas são oferecidas. Sabemos que elas são oferecidas aos bebês por múltiplos fatores. Porém, me parece que existem três principais: estímulo/aprendizagem, entretenimento/brincar e controle do comportamento.

Como vimos, o principal estímulo para o bebê se desenvolver são as trocas que ele estabelece com o meio, inicialmente centradas nas trocas afetivas com seus cuidadores

---

<sup>3</sup> CORIAT, Lydia; JERUSALINSKY, Alfredo (1996). Aspectos estruturais e instrumentais do desenvolvimento infantil. In: Escritos da Criança. Porto Alegre: Centro Lydia Coriat, 2001, n.4, p.06-12.

primordiais. Nessas trocas o bebê é colocado como sujeito, como protagonista da cena, o que o autoriza a também se colocar neste lugar. Em frente da tela ele se assujeita diante das imagens e sons que ela produz: seu corpo fica imóvel, seu olhar fixo, seus ouvidos ouvindo vozes (em geral metalizadas e repetitivas) que não o convocam e não respondem aos seus apelos. O bombardeiro visual e sonoro não é significado, transformando o bebê num mero depositário de informações e sensações. Sem a significação da experiência não há apropriação de sentido e, conseqüentemente, a construção de pensamento fica comprometida. Além de dificultar o processo de aprendizagem, quando a criança fica impossibilitada de fazer um uso próprio, autoral, das informações recebidas e sensações vividas, ela acaba por repeti-las, algumas vezes na forma de ecolalias e estereotípias.

O bebê aprende fazendo uso do corpo todo. Aprende brincando. Ele brinca com o corpo do cuidador, com seu próprio corpo e mais tarde com objetos. Se ele pode explorar seu ambiente livre de comandos que limitem sua capacidade investigativa e criativa, ele não precisa de um dispositivo que o entretenha. Ele se entretém brincando. É por meio da brincadeira, do uso do corpo todo e, portanto, de todos os sentidos, somado aos sentidos que são dados a essas experiências, que o corpo se integra. Nosso corpo não é feito de partes isoladas. A expressão “fala pelos cotovelos” é um bom exemplo. Ao falar não usamos apenas a boca; a expressão facial muda, as mãos (e, conseqüentemente, os cotovelos) se movimentam, os olhos e o corpo se mexem. Sem contar que ao falar também sentimos, pensamos, olhamos, escutamos. É assim – ou deveria ser – com tudo o que fazemos! Porém, na imobilidade corporal fixada na mobilidade do que se passa na tela, essa integração não acontece ou fica prejudicada.

O brincar proporciona o que se busca quando as telas são oferecidas para controlar o comportamento infantil – ocupar, distrair, tranquilizar, manter o foco e a atenção, resolver conflitos – e muito mais. Enquanto brinca, o bebê aprimora e se apropria dessas e outras habilidades. Contudo, quando a tela entra no lugar do cuidador para controlar comportamentos ou é utilizada com fins de aprendizagem ou entretenimento, o bebê se assujeita.

Vale destacar que quanto mais tempo os bebês ficam expostos às telas, menores são suas oportunidades de troca e significação e, portanto, maiores as chances de comprometimento do desenvolvimento infantil. Por seu turno, quanto mais o cuidador estiver fora da cena relacional, mais ele se sente incapaz de fazer uso de seus próprios recursos para mediar as situações vividas com o bebê e pelo bebê.

Lembro-me de um pai que disse deixar a TV ligada para seu bebê ouvir músicas de um programa infantil que ele gostava muito na sua infância. Imaginava que a TV era mais interessante do que ele. Isso, jamais! Vemos o quanto os bebês que têm ricas interações com seus cuidadores se desinteressam pelas telas quando convocados por outro humano. Este pai, conhecedor do repertório musical, passou a cantar para o bebê “olho no olho” e, aos poucos, nos momentos em que precisava se afastar para realizar alguma tarefa. Pela música fazia uma transmissão cultural e geracional (da infância dele para a infância do filho), garantia presença em ausência (a presença da voz paterna permitia o distanciamento corporal), mantinha o bebê entretido, ocupado, tranquilo e atento a partir da música que os enlaçava. Porque houve uma presença “de corpo e alma”, não anônima como ocorre com as telas, aos poucos o bebê pode estar e brincar por períodos mais estendidos também no silêncio da voz paterna.

Evitar o uso de telas pelos bebês ou reduzir seu uso quando ele já acontece requer um exercício do cuidador de resgatar seus próprios saberes. Do contrário, diante de situações difíceis com o bebê, quem “resolve” o impasse é a tela: nos momentos de birra, antes de dormir, nas refeições, enquanto espera e tantas outras que bem conhecemos. Também é necessário que o cuidador acredite que ele é mais interessante do que as telas. Já escutei de alguns cuidadores que eles se sentem meio bobos ou mesmo ridículos ao falar ou brincar com os bebês – fazendo caras e bocas, se escondendo atrás de almofadas, pegando objetos que o bebê arremessa no chão. Nada disso é bobo ou ridículo, pelo contrário! As brincadeiras que surgem espontaneamente no encontro com o bebê resultam da mútua convocação, da troca que se estabelece nesses momentos. Assim, além de cuidar e brincar, nesses encontros o cuidador cumpre com uma de suas funções mais importantes: a de humanizar o bebê.

Como os encontros sempre têm uma dose de imprevisibilidade – o oposto das telas –, dicas de como brincar com bebês são úteis para inspirar brincadeiras e não para guiá-las, no sentido de um roteiro a ser seguido. Desde que o cuidador esteja disponível e despido da ideia de que ele não sabe, ou de que as telas têm mais a oferecer do que ele próprio, as brincadeiras acontecerão. Os bebês nos dão muitas pistas do caminho a seguir. Fiquemos de olhos nelas – mais do que nas telas!